
A etapa final: notas acerca do mito Balboa

Fernanda Loureiro, Henrique Gonçalves e Juliana Jardim



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1484>

DOI: 10.4000/pontourbe.1484

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Fernanda Loureiro, Henrique Gonçalves e Juliana Jardim, « A etapa final: notas acerca do mito Balboa », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 julho 2014, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1484> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1484

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

A etapa final: notas acerca do mito Balboa

Fernanda Loureiro, Henrique Gonçalves e Juliana Jardim

Introdução

- 1 Ao longo do século XX observou-se um crescimento incontestável das diferentes práticas esportivas no mundo. As competições, que podem ser analisadas como rituais modernos compostos por múltiplos signos e valores, tais como corporalidade, masculinidade, honra, tradição, regionalismos e nacionalidades, constituem terreno fértil para a prática antropológica. Este trabalho procura proporcionar uma ampliação do olhar, em termos empíricos, ao apresentar uma pesquisa que tematiza significados e valores de práticas esportivas utilizando para isso o campo – ou seria melhor dizer ringue – do boxe. Sobre essa prática feita por punhos e pernas, pretendemos abordar a construção do corpo e do sujeito que pratica este esporte. Nas feições do imaginário criado pela série Rocky Balboa, o boxe se revela como prática de construção do corpo – e subjetivação dele – na sociedade moderna.
- 2 Entramos no mundo dos ringues com a pretensão inicial de observar a relação entre esportes mais “combativos” e masculinidade. Percebíamos o boxe como um esporte privilegiado neste sentido, por ser um espaço de “violência legítima”, direta e aceita – muitos vão dizer que nunca se tratou de violência – presente no mundo ocidental seja em Olimpíadas, campeonatos mundiais, pequenas associações regionais ou mesmos grandes palcos como os cassinos de Las Vegas. Ao irmos a campo, no entanto, demos um passo atrás e decidimos nos aprofundar na elaboração intensa da corporalidade e da construção do sujeito – o lutador – para o boxe. Afinal, é a dimensão da corporalidade que instiga o criar e recriar do imaginário desse esporte, inclusive a elaboração do universo masculino contemporâneo. Decidimos, portanto, partir daí para posteriormente derivar possíveis obliquidades de gênero. Este trabalho se refere a essas observações iniciais que não pretendem seguir um roteiro analítico teórico definido, mas apresentar reações e anotações de campo.

Uma discussão metodológica

Por mais que os antropólogos busquem seus objetos de investigação além dos muros da academia (...), eles escrevem seus relatos tendo a seu redor o mundo dos atóis, das bibliotecas, dos quadros-negros e dos seminários.(C.Geertz, 2002)

- 3 De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira, podemos pensar o trabalho antropológico, grosso modo, como constituído por três etapas. A primeira corresponde à construção do objeto, à fundamentação da pesquisa. Ou seja, a escolha de um lugar ou grupo de pessoas, ou ainda de um grupo de pessoas que freqüentam determinado lugar como objeto de pesquisa. Às vezes esta escolha coincide com um interesse latente do pesquisador. Muitas vezes é um olhar, num dia qualquer, com mais clareza e atenção, para um *objeto de estudo em potencial* que passa por você todos os dias. Outras vezes, é a dica de um professor, é uma nota de pé de página de um livro que te deixou intrigado.
- 4 Mas, quando em campo, trata-se da busca incessante de se estabelecer condições de igualdade entre pesquisador e pesquisado, um refinamento de nuances, um encontro de pontos de vista distintos e contextos diferentes. Estamos determinados a propor uma fusão de horizontes entre aquele que fala e aquele que, carregado de bagagens teóricas, escuta. Este diálogo, mais ou menos bem resolvido, é a segunda etapa descrita por vários autores – dos clássicos, como Radcliffe-Brown e Malinowski, aos contemporâneos, como Geertz – e é, em última instância, o que caracteriza o trabalho de campo antropológico.
- 5 Segundo Bronislaw Malinowski, os fatos apreendidos em campo constroem a teoria ou são usados para refutar outras teorias. Nos anos 70, a preocupação com a interpretação impulsionou novas considerações sobre a relação pesquisado e pesquisador. Para além das técnicas, a etnografia é um esforço intelectual que constitui a terceira e última etapa do trabalho antropológico. Buscar o imponderável, conseguir respostas mesmo sem fazer perguntas, fazer a transposição de dados brutos para dados interpretados, “desempacotar” conceitos, enfim, caminhar do concreto para o abstrato.
- 6 Uma vez definido o objeto de estudo, o boxe, fomos a campo. Mais precisamente no Mineirinho, sala 420, conversar com os freqüentadores, participar das aulas, suar, estudar as regras, superar os limites da nossa própria corporalidade. Buscamos entender como o boxe, enquanto prática esportiva, está na cidade de Belo Horizonte e de que forma é apreendido por seus praticantes. Foram várias visitas, aulas, entrevistas e muita expectativa tanto da parte dos pesquisados quanto dos pesquisadores. Assistimos a dois torneios – um interno, entre os freqüentadores da Federação, e outro externo, com atletas de outras academias. Participamos também do curso de juiz oferecido a quem tivesse interesse na área, criado especialmente para ampliar a visibilidade da Federação e auxiliar na execução do torneio externo.
- 7 O que se segue é um mosaico de reflexões acerca do esporte, da federação, da experiência nos torneios, do aprendizado na academia e dos personagens que compõem o universo da federação. Certamente o tempo não foi suficiente para análises e descrições densas, para uma apreensão completa do que pretendíamos inicialmente observar. Fica aqui um primeiro exercício crítico como parte do projeto de algumas pessoas que adentraram o mundo do boxe sem conhecê-lo anteriormente. Somente após quatro meses de pesquisa

conseguimos compreender minimamente este universo que tem demandas corporais e psicológicas tão intensas. Do nosso campo, estas são as primeiras linhas.

O esporte como nova prática social

- 8 Na primeira metade do século XIX, uma classe de atividades antes conhecidas como passatempos “aristocráticos” – ou “de sociedade” – tornaram-se cada vez mais comuns na Inglaterra e em países próximos sob o nome de *sport*. Um novo nome para uma nova prática, adotado sem modificações por países como França, Itália, Alemanha e Holanda, ou transformando-se, sem alterar a raiz, no termo *esporte* em Portugal.
- 9 A origem de alguns desses jogos, como o boxe, remonta à Antiguidade e aos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga. Na Idade Média, alguns festivais religiosos eram acompanhados com freqüências por jogos, na maioria violentos, entre cidades rivais. Mas o que distingue as disputas da Grécia antiga e da Idade Média, de um lado, e as atividades praticadas na Inglaterra pós-Revolução Industrial, que depois se difundiram pelo mundo?
- 10 Em primeiro lugar, seja na Grécia Antiga ou na Europa da Idade Média, muitos jogos, como o boxe ou a luta livre, constituíam uma luta ritualizada, uma medida de força entre rivais. Valores como força física, paixão, resistência, honra e demonstração da coragem do lutador eram considerados mais importantes do que o sucesso em si da luta ou a sofisticação da técnica. Além do mais, essas “batalhas simuladas” eram regidas por regras consuetudinárias, não escritas, o que permitia, além de uma flexibilidade maior de seus limites, um grau maior de violência física, não sendo incomum ocorrerem mortes ao fim do jogo. Era mais honroso sair morto, tendo sido valente, do que vivo, tendo demonstrado covardia.
- 11 A partir do século XIX, esses jogos acompanham o processo modernizador: ganham regras mais detalhadas e diferenciadas, formam-se clubes e associações que regulam e organizam as competições. Desenvolveram-se, também, jogos populares e polimorfos, como foi o caso de vários jogos com bola. Se antes a idéia de honra imperava, com a transformação civilizadora o resultado e a técnica tornaram-se mais importantes. Na sociedade moderna, o atleta é antes de tudo um especialista. Contudo, um resquício de ética guerreira e busca pela glória ainda prevalecem, como podemos ver neste trecho da fala de um jovem atleta há um ano praticante de boxe no Centro de Treinamento do Mineirinho, em Belo Horizonte:

“Bom... eh... o boxe, ele começou já há muito tempo atrás... eu acho que foi na Grécia e... eu li isso na internet...eh...os homens mais corajosos da Grécia lutavam entre si em... e o prêmio era uma...como é nome daquele negócio que você põe na cabeça?... louro, é... assim, nenhum prêmio, nenhum valor em dinheiro, mas só prestígio, entendeu? De você ser o mais forte... isso que me atrai, entendeu? Você ser o melhor...é sempre isso que eu busco...” [Homem, 19 anos, praticante de boxe há um ano]
- 12 Se a vitória é o resultado perseguido, devemos analisar qual o sentido de ser um lutador vitorioso. Mas, devemos estar atentos para a diferença entre um atleta e um simples praticante. Diferentemente do período em que se tratava de uma prática lúdica ou de um treinamento para o corpo com vistas à batalha real, hoje o esporte é uma atividade institucionalizada e especializada. O esporte prescreve todo um conjunto de modos de vida para um atleta profissional, com dietas, rotinas de exercícios e comportamentos a

serem evitados. O treinamento não é mais para a guerra, ou antes, trata-se de uma guerra consigo próprio, o ideal de superação, típico da moral moderna:

P: Quê tipo de pessoa faz boxe? Quem que é o lutador de boxe?

R: Veja bem... tem o lutador e o praticante... aqui no Mineirinho tem poucos lutadores e muitos praticantes... praticante é aquele cara que tá aqui às vezes pra emagrecer, às vezes aprender uma defesa pessoal... agora o lutador ele busca alguma coisa a mais... e cada um é um objetivo diferente... não existem dois lutadores com o mesmo motivo, o mesmo objetivo, não... cada um tem seus motivos de tá lutando...

P: Uma coisa um pouco pessoal, particular...

R: Isso mesmo... sempre alguma coisa que você quer provar, pra si mesmo ou pra alguém... [*idem*]

Condicionando o corpo

- 13 Entre os aprendizes iniciantes, talvez o treinamento seja um processo mais inserido nas relações coletivas do que propriamente no contato entre praticante e treinador. Segundo Wacquant, “o boxe é um esporte individual, certamente um dos mais individuais de todos, de vez que põe fisicamente em jogo – e em perigo – apenas o corpo do lutador, cuja aprendizagem adequada, contudo, é acentuadamente coletiva (...)”. As primeiras lições de *jab* e direto, as artimanhas para pular corda ao estilo pugilista, a base, as esquivas, são técnicas do corpo internalizadas por um processo de aprendizagem não exclusivamente didático, mas sobretudo pela incorporação imitativa das técnicas.
- 14 Na tradição do boxe ensinado e praticado no Mineirinho, a transmissão das técnicas resulta da combinação entre a imitação e o adestramento não centralizado na figura do treinador, mas fixado nas relações entre os companheiros de treino. A academia, portanto, abriga uma polifonia gestual em que ação, observação e imitação são incisivas na constituição do sujeito pugilista e de toda uma estética própria do seu universo. Imitar gestos que antes se apresentavam como curiosos, tal como levar as mãos fechadas ao queixo e simular um combate, ou impossíveis, como pular cordas com os pés alternados, constitui um mecanismo de inserção no grupo dos pugilistas.
- 15 Mas a constituição do pugilista profissional não requer somente o aprimoramento técnico, a gestão austera do corpo, a disciplina ascética, mas, sobretudo, o condicionamento psicológico que lhe permita combater no ringue. Entre a obstinação em permanecer nos exercícios de simulação e preparação do combate (socar o saco de areia, a pêra, treinar o *jab*, o direto, a esquiva), típica da maioria dos frequentadores da academia, e o combate real há o desafio da exposição do corpo aos riscos que fazem do boxe o esporte ocidental mais brutal. O pugilista deve estar preparado para agredir e ser agredido. A cabeça e as mãos são as partes do corpo mais susceptíveis às lesões: dentre as mais comuns encontram-se o deslocamento do nariz, da retina, fratura nas articulações, polegar e metacarpo ou até mesmo lesões cerebrais crônicas. (Wacquant. 2002:147) Deve-se enfaixar bem os pulsos para evitar a sua torção e utilizar os equipamentos básicos de proteção (protetor de cabeça e bucal). Mas, mais importante do que se proteger da lesão e da dor, pois o boxeador está familiarizado com estes infortúnios do esporte, é a condição imposta a si mesmo: uma condição moral.
- 16 O boxe comumente é apreendido como um esporte violento em razão destes riscos ao corpo, contudo, a aproximação do campo e a observação participante nos permitem supor

que as regras formais e os padrões de conduta delimitam a fronteira entre o combate e a violência. A distinção reside no plano moral. O famoso combate em que Holyfield tem a orelha mutilada por Mike Tyson pode ser facilmente fundamentado como violento, pois há uma intenção, por parte de Tyson, de corromper as regras a fim de desconsiderar a identidade do outro. Em algumas fotos fixadas no mural da academia da FMB, a imagem do vencedor, saudado pelos companheiros, com o nariz deslocado, expõe não a figura do violentado, mas a imagem de um incidente próprio do ofício do boxe, ofuscado pela consagração da vitória.

Seu Pedrinho – entre lutadores e praticantes do “boxe empresarial”

- 17 Pedro Maciel, conhecido como “Seu Pedrinho”, é o responsável pela gestão e pela didática do boxe ensinado na academia mantida pela Federação. Apesar dos exercícios físicos serem coordenados por outros lutadores, que o tratam como “pai” – um tratamento praticamente análogo ao expresso no termo “mestre” – Pedrinho é quem regula a ordem e o tempo das atividades, pois detém a palavra e o cronômetro, usado quase unicamente pelo treinador “pai”. A ordem de pular corda ou de enfaixar as mãos, a observação da ginástica e do aquecimento dos aprendizes, os conselhos técnicos, a rigorosa cronometragem das atividades são alguns dos ofícios de responsabilidade de Pedrinho. Embora se constitua em um contexto diferente, o arquétipo do treinador de boxe se assemelha à figura do mestre nas lutas orientais, como se ambos sintetizassem toda a maturidade técnica e moral necessária ao combatente. O treinador, aposentado da função de lutador em razão da velhice, detém, mais do que o olhar apto a identificar um *jab* mal aplicado pelo aprendiz, a consciência das vicissitudes, das ilusões e dos riscos inerentes ao universo pugilístico.
- 18 Pedrinho diz que são necessários três requisitos para se tornar um grande boxeador: “Primeiramente, é gostar. Sem dúvida é a melhor coisa. Segundo, é treinar muito. Terceiro, ouvir o seu treinador. Aí você fica bom”.
- 19 Certamente, o treinador, o profissional e o amador gostam de boxe. Mas existe outra categoria de pessoas que praticam o “boxe empresarial”: aqueles que não vão para aprender o boxe propriamente, mas para fazer exercício e perder peso. O objetivo do “boxe empresarial” se limita ao corpo, não se estende ao aprendizado e à prática do esporte. Não são poucos os praticantes do “boxe empresarial” que freqüentam o Centro de Treinamento do Mineirinho – talvez porque, além de ser um espaço que oferece instrução e prática de atividades aeróbicas, cobre apenas dez reais de mensalidade.
- 20 É interessante notar que a noção de “boxe empresarial”, advinda da linguagem dos próprios boxeadores, contém uma carga pejorativa: consideram-na uma espécie de utilitarismo corporal, um interesse mesquinho pela forma física, que despreza o que é mais importante ali, o boxe, a “Nobre Arte”.
- 21 O treinamento é fundamental na formação do boxeador. Pedrinho critica o método praticado por outras academias de boxe em Belo Horizonte: “Você vê o treino que eu dou lá, né? Eles dão um treinentinho mal, mais é luva, o treino deles é luva. Eu dou preparação física, depois eu dou o treinamento com saco de areia, que é pra aumentar a pancada, e dou o treino de luva lá dentro do ringue, pra pegar técnica e tática”. Às segundas, quartas e sextas, no Mineirinho, antes de pôr as luvas, todos têm que correr de

6 a 8 voltas no anel inferior, pular corda, e fazer exercícios aeróbicos: polichinelo, flexão, abdominal etc. Toda essa preparação física leva uma hora e meia. Depois, passa-se ao saco de areia. Só então é que Pedrinho escolhe quem vai subir no ringue para treinar. Alguns amadores se queixam de que há pouco treino com luva e que Pedrinho não lhes dá a devida atenção. De fato, ele não esconde certas preferências por quem considera estar se esforçando mais. O olhar clínico de Pedrinho está sempre buscando um novo campeão, como ele próprio fora outrora, e passa ao largo dos que não demonstram as características necessárias para tal: “Igual eu vejo na minha equipe lá, como que é... os caras chegam lá, vão treinar, sentam... vão beber água... pô! Não tem jeito. Não dá. Você sabe que o boxe você tem que encarar. Se você não encarar, não adianta”.

- 22 O treinador, porém, não se limita a advertir o boxeador sobre questões técnicas e táticas. Deve também inspirá-lo, levantar seu estado de ânimo. Pedrinho se lembra que Gilton dos Santos, na disputa do mundial realizado na Argentina, queria desistir no sexto *round*, mas ele não permitiu: “Xinguei, mexi com o sentimento dele, mexi mesmo”. Gilton voltou para o ringue e massacrou seu adversário argentino. No boxe, bem como em vários esportes, os treinadores formam grandes profissionais ao aliar o conhecimento especializado do esporte à capacidade de incentivo emocional. Daí a sua importância. Nas palavras de Pedrinho: “O treinador é meio atleta, meia luta ganha pra você”.

Boxe: reprodutor e modelo das práticas sociais

- 23 Por fim, um exemplo paradigmático de boxeador é o personagem Rocky Balboa, de Sylvester Stallone, cuja série narra a escalada heróica de um pobre imigrante italiano a boxeador profissional e campeão. Sujeito pobre, sem recursos, mas humilde e disciplinado nos seus treinos. No nosso campo era sempre citado como referência, mesmo que por brincadeira, do ideal que todos pretendiam alcançar. O último filme, o sexto da série, que mostra um Rocky na maturidade dos seus cinquenta anos, traz uma cena reveladora dessa moral a que aludimos. O boxeador resume em poucas linhas para seu filho o que a vida lhe ensinou, permitindo-lhe chegar onde chegou: ser campeão, ser admirado por onde passa e ser um exemplo para as pessoas. Segundo Rocky Balboa,

"(...) O mundo não é um mar de rosas. É um lugar ruim e asqueroso... e não importa quão durão você é... ele te deixará de joelhos e te manterá assim, se permitir. **Nem você, nem eu, nem ninguém baterá tão forte quanto a vida. Mas isso não se trata de quão forte pode bater. Se trata de quão forte pode ser atingido... e continuar seguindo em frente. Quanto você pode receber e continuar seguindo em frente. É assim que a vitória é conquistada.**"(Rocky Balboa, tradução da legenda em português, grifo nosso)

- 24 Rocky encarna o mito da “fronteira”. Homem viril, que rejeita os luxos, facilidades e prazeres da sociedade; homem que quer ir além, além da fronteira, expandi-la. Sabe que não pode esperar conforto no limite. Por isso aceita resignadamente a dureza da rotina. Sofre com uma espécie de prazer – prazer da glória – pois sabe que o golpe que não o matou permitirá que ele vá ainda mais longe. Trata-se da persistência, não para bater forte, mas para resistir aos duros golpes – do adversário e da vida.
- 25 O paradigma da superação, sobriedade e capacidade, a exigência de desempenho típica do capitalismo avançado, encontram no boxeador um exemplo fascinante. O homem típico da modernidade, o “homem conquistador” – tal qual o guerreiro, o burguês e o cientista – é aquele que sabe conjugar razão e utilidade. Deve-se buscar, como Rocky, a superação,

pois fracassar não é perder, mas desistir. Dessa forma, a constante competição, ou antes, a constante repetição, marcam a experiência moderna construída a partir de um ideal de masculinidade:

Eu acho que tem até um número considerável de mulheres aqui... mas como eu falei: praticantes, não atletas... porque... pra uma mulher começar no boxe, ela tem que ter um motivo, um motivo bem forte... porque é muita dor que ela vai passar, a aparência dela pode tá estragando... igual, eu já quebrei o nariz duas vezes, tive que operar... uma mulher não vai querer passar por isso... o ombro da mulher... toda atleta... eu cheguei a conhecer umas duas atletas... e o ombro é largo... ela pega uma aparência mais... mais masculina, entendeu?... mais agressiva... e eu não acho que uma mulher vai querer perder a feminilidade dela por causa de um esporte. [Homem, 19 anos, praticante de boxe há um ano]

- 26 O esporte configura-se dessa maneira com uma educação não apenas física, mas também moral. Educa o corpo e o espírito para os hábitos da ordem, da disciplina e da exatidão: hábitos essenciais para o bom funcionamento da sociedade industrial e burocrática. A “ética protestante”, como bem assinalou Weber, desempenhou um papel central na construção dessa sociedade. Outro fator importante é que o esporte, muitas vezes encarado como lazer, significou um modelo de *atividade contínua*, uma otimização do uso do tempo na sociedade moderna. Como salienta Courtine, “o exercício físico passa a ser um lazer às margens do tempo de trabalho e um trabalho instalado no coração do tempo de lazer”. O esporte propicia um bom uso do tempo livre, enquanto prática que impossibilita que indivíduo seja um agente subversor do sistema na posse desse tempo.

eh... os benefícios, que me trouxeram... se tiver uma lista aqui, não tem como eu preencher ela... porque eu tive muito problema em casa... eu tive muito problema com meu pai, muita briga... em minha época de 16 pra 17 anos eu era praticamente um delinqüente... e eu tá inserido aqui no Mineirinho pôde me livrar de muita coisa aí... que eu podia ter passado, entendeu? [*idem*]

- 27 O Boxe, tal como outros esportes modernos, é uma atividade institucionalizada e especializada que prescreve todo um modo de vida (dietas, exercícios e comportamentos a serem evitados). A rotina de exercícios não pode ser interpretada como um meio para se obter *boa forma* ou aprender um conjunto de técnicas para um fim específico numa situação prática, a defesa pessoal, por exemplo. Há traços de uma moral puritana. O objetivo do atleta é transcender, conquistar, superar. “Malhar dói”, diriam alguns, e se submeter a essa dor é uma decisão. Adotar Rocky Balboa como exemplo paradigmático é afirmar que a frase “acredite em si mesmo que você se dará bem”, tema dos filmes, é um modo de vida.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/CNPq, 1988.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Ed da UFRJ, 1995.

DA MATTA, Roberto. Relativizando o interpretativismo. In: **Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem.** (M. Corrêa e R. B. Laraia orgs.) Campinas: IFCH-UEC, 1992.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

----- **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

----- **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretati-va.** Petrópolis: Vozes, 1998.

WACQUANT, Loic J. D. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

RESUMOS

Este trabalho é a reunião de anotações, dados e observações coletados no curto período de março a junho deste ano na Federação Mineira de Boxe, sediada no ginásio do Mineirinho, pequeno complexo ao lado do Estádio Governador Magalhães Pinto (o Mineirão), em Belo Horizonte. São os objetivos, em um primeiro instante, analisar como se dá a construção do corpo no boxe; qual a relação entre homem/corpo/prática do esporte; enfim, se o homem que pratica boxe, tanto amador quanto profissional, encarna um personagem. Seria o mito de Rocky Balboa uma representação suficientemente próxima do *habitus* dos lutadores do Mineirinho? Como observar a construção desses estereótipos? Nas palavras de Wacquant (2002), “o pugilismo ‘faz sentido’ quando se toma o cuidado de dele nos aproximarmos o suficiente para apanhá-lo *com o seu corpo*, em situação quase experimental”. Procurar esse sentido foi o que nos guiou nessa empreitada de quase três meses. Além desse verbo um tanto quanto abrangente – procurar – pretendemos praticar, descrever, fotografar, compartilhar, historiografar e suar.

ÍNDICE

Palavras-chave: boxe, corpo, Rocky Balboa

AUTORES

FERNANDA LOUREIRO

nanda.loureiro@gmail.com

Estudante de Graduação - 7º período - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

HENRIQUE GONÇALVES

henrique.rien@gmail.com

Estudante de Graduação - 8º período - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

JULIANA JARDIM

julianajardimpr@gmail.com

Estudante de Graduação - 8º período - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)